

UMA CRÍTICA SOBRE LEIBNIZ, AS MÔNADAS E A RAZÃO PURA

Anna Karyna Sousa Andrade *
Luis Gustavo Rodrigues de Oliveira **

RESUMO

Este artigo tem como objetivo levantar uma discussão sobre a razão pura apresentada em sua teoria das mônadas, passando por vários pontos, desde seu contexto histórico até realmente levantar o problema que vem junto a tudo que será discutido ao decorrer do texto. Afinal, seria mesmo as mônadas e a razão pura a forma correta de entender o mundo?

PALAVRAS CHAVES

Leibniz. Mônada. Deus. Vontade.

RÉSUMÉ

Cet article vise à soulever une discussion sur la raison pure présentée dans sa théorie des monades, en passant par plusieurs points, depuis son contexte historique jusqu'à soulever le problème qui accompagne tout ce qui sera discuté tout au long du texte. Après tout, les monades et la raison pure seraient-elles vraiment la bonne manière de comprendre le monde ?

MOTS-CLÉS

Leibniz. Monade. Dieu. Disposé.



CONTEXTO HISTÓRICO

A história da filosofia atribui a Anselmo de Cantuária, ainda no período da Renascimento do século XII, no âmbito das Escolas de Catedral, a primeira formulação de um Argumento ontológico. Tal Argumento pretende demonstrar a existência de Deus de maneira A priori, ou seja, a partir da mera compreensão lógica do conceito de Deus, deve-se concluir a necessidade de sua existência. Podemos entender o argumento ontológico como um salto do campo da lógica (conceito de Deus) para o campo da ontologia (existência de Deus). Ao longo da história da Filosofia moderna e Filosofia contemporânea, muitos pensadores dedicaram-se a formular definições sobre 'Deus' e produzir novas maneiras de demonstrar sua existência. Dentre muitos, destacam-se René Descartes, Alvin Plantinga, Kurt Gödel e, **especialmente, Leibniz.**

Para determinar o agir humano dentro de uma cadeia de causas no mundo "natural" Leibniz admite uma série de causas, que por sua vez dizem respeito ao corpo e seus atos. E, paralela a essa série de causas eficientes, há uma outra série, que seria então as causas finais. As causas finais são consideradas como uma infinidade de pequenas inclinações e disposições da alma, presentes e passadas, que conduzem o agir presente.

Semelhante ao que aborda Nietzsche em seus textos, há uma infinidade imensurável de motivos para explicar um desejo singular. Nesse sentido, todas as escolhas feitas tornam-se determinantes

* Acadêmica em Filosofia na Universidade Federal do Piauí - UFPI. E-mail: ankandrade@gmail.com

** Acadêmico em Filosofia na Universidade Federal do Piauí - UFPI. E-mail: l.gustavo.oliveira2014@gmail.com

dessa ação. Temos então como objetivo demonstrar que noção de arbitrariedade não se sustenta, muito menos a noção de que podemos agir isoladamente de um contexto. Mas permanece em Leibniz a ação livre, mas somente se esta ação for contingente, espontânea e refletida.

Diante disso, analisemos o conceito inicial de cada um desses termos característicos dessa ação livre humana. Iniciaremos com o conceito de contingência, a contingência opõe-se à noção de necessidade, não à de determinação. A ação é sempre contingente, porque seu oposto é sempre possível. A espontaneidade é a ação espontânea, quando o princípio de determinação está no agente, não no exterior deste.

Toda ação é espontânea e tudo o que o indivíduo faz depende, em última instância, dele próprio. Ao contrário da espontaneidade que também atua nos animais, a reflexão está presente somente na capacidade humana que quando operada, caracteriza uma ação como livre. Os homens têm a capacidade de pensar a ação e saber por que agem.

Leibniz apresenta as mônadas como equivalentes para a realidade metafísica tal qual o que os átomos equivalem para os fenômenos físicos. As mônadas são os elementos máximos do universo, como formas substanciais do ser com as seguintes propriedades: elas são eternas, não compostas, individuais, sujeita às suas próprias leis, sem interação mútua, e cada uma refletindo o próprio universo dentro de uma harmonia preestabelecida. Mônadas são centros de forças; substância é força, enquanto o espaço, extensão e movimento são meros fenômenos.

2 AFINAL, O QUE SÃO E EM QUE CONSISTEM AS MÔNADAS?

A essência ontológica das mônadas é sua simplicidade irreduzível. Assim como os átomos, as mônadas não possuem nenhuma matéria ou caráter espacial. Elas se diferenciam dos átomos por sua completa independência, assim as interações entre as mônadas são só aparentes; cada mônada, segue uma instrução pré-programada, peculiar para si, assim uma mônadas sabe o que fazer em cada situação.

Essas “instruções” podem ser compatíveis às leis científicas que governam as partículas subatômicas. Pelo princípio dessas instruções intrínsecas, cada mônada é como um pequeno espelho do universo. Mônadas não são necessariamente microscópicas, o ser humano, por exemplo, é constituído por uma mônadas, Deus, também, é uma mônadas, e a existência de Deus pode ser inferida através da harmonia que se prevalece diante de todas as mônadas; Deus através de sua razão e vontade se afigura o universo através da harmonia preestabelecida.

Leibniz define Deus como “O ser mais perfeito” – Deus é o nome que se dá, habitualmente, à razão última das coisas; a um ser existente em ato e exterior à série de coisas existentes e que possui a responsabilidade de atualizá-las. [M. 43-48; DM 1-6] e pretende demonstrar a existência deste ser a partir da coexistência entre dois ou mais atributos afirmativos, já que todos os atributos afirmativos são compatíveis entre si sem gerar contradição, logo torna-se possível conceber um ser com todos estes atributos.

A realidade em Leibniz é constituída por substâncias simples, da qual denominou de mônadas, entretanto, filósofos como Platão e Demócrito já haviam feito alusão a esse nome em uma tentativa de explicar a existência e origem do universo, Leibniz apropria-se desse termo para explicar de forma mais abrangente a existência de uma inteligência ordenadora e a causa do universo, buscando fugir das aporias deixadas tanto pelos mecanicistas quanto pelos atomistas.

A palavra mônadas deriva do termo *môna* (átomo), e de maneira mais geral, esse nome tem um significado diferente de unidade e designa uma unidade real e inextensa, ou seja, espiritual.

Para Leibniz, mônada é um átomo espiritual, uma substância desprovida de partes e de extensão, sendo dessa forma, indivisíveis, não podendo assim desagregarem-se. Cito-o: “Ora, onde não há partes, não há extensão, nem figura, nem divisibilidades possíveis. E tais mônadas são os verdadeiros Átomos da Natureza e, em uma palavra, os elementos das coisas” (Monadologia, §3).

Reiteremos então que as mônadas são substâncias simples, sem aberturas ou brechas, sem partes e não podem começar naturalmente, pois não são formadas por composição, isso é, só podem começar por criação e acabar por aniquilamento, ou seja, apenas Deus pode criá-la ou anulá-la. Contudo, tais substâncias surgem por fulgurações contínuas da Divindade a todo momento.

Tais substâncias são interligadas, por isso, uma coisa sempre vai ter um pouco de outras, ou seja, uma mônada pode representar duas coisas ao mesmo tempo, somente por sua vontade, em tudo há um pouco de cada coisa, por exemplo, uma substância pode representar um lago e o ar, donde se vê que assim, tais elementos terão alguma semelhança, porém, cada corpo vivo ou orgânico tem uma Entelúquia dominante.

As mônadas são diferentes porque não há nenhum elemento na natureza que seja perfeitamente idêntico, o que por sua vez explicaria a diversidade tanto do mundo quanto da natureza, pois Deus cria cada mônada de acordo com seus diferentes pontos de vista do universo, visto que cada mônada poderia corresponder a cada universo da melhor maneira possível.

As substâncias simples necessitam de algumas qualidades, sendo a percepção sua principal. Em consequência, é através dessas qualidades que se pode perceber as modificações das coisas, sendo que as mesmas não diferem em quantidade, dessa forma, somente pelas qualidades elas podem diferenciarem-se entre si, visto que para Leibniz, tais qualidades justificam a multiplicidade das coisas.

A segunda qualidade é denominada de **apetição**, representante do desejo do corpo e por meio desta pode-se chegar a novas percepções. As mônadas dividem-se entre as simples e as compostas. As simples são as que compõe os objetos inanimados e constituem-se de representação e vontade, as que são constituídas de **percepção, vontade e memória** são denominadas **Almas** e compõe os animais e aquelas que tem **vontade, percepção e memória, raciocínio e em alguns casos consciência** são chamados de **Espíritos** e aparecem para representar os homens.

Aquela que é responsável pela harmonia da natureza e do universo também pode ser chamada de **Entelúquia**. As mudanças naturais das mônadas provém de um princípio interno, por isso, nenhuma causa externa pode influir em seu interior. Por isso faz-se necessário ressaltar a importância de existir uma **pluralidade das afecções** nas relações das substâncias para que ocorra a ação e assim a mudança, pois a partir do momento que alguma coisa muda outra permanece.

De agora em diante, as substâncias agem uma sobre a outra e acomodam-se entre si, para que a mudança de uma possa aumentar a extensão de outra e diminuir a de outra; isto ocorre porque quando a mesma age e exerce sua potência, muda para melhor e torna-se mais extensa, e essa mudança pode afetar várias substâncias. Visto que quando a mesma exerce sua potência passa para um grau maior de perfeição, dessa forma ela age, e aquela que permanece e passa para um grau menor demonstra a sua fraqueza e padece.

E toda substância que tem uma perfeição implica o prazer, e toda paixão alguma dor. Dessa forma atribui-se paixão as mônadas confusas e ação quando a mesma tem percepções distintas. Ademais, para Leibniz a tentativa de explicar uma substância de maneira mecânica, isto é, levando em consideração somente as figuras e movimentos não é o suficiente para explicar a mesma e bem menos a realidade, contando que para o filósofo a essência das mônadas é a força, pode-se constatar que o mesmo partiu dessa premissa para explicar o movimento que rege as substâncias.

Tais substâncias são cópias da divindade, ou seja, são criadas por Deus na sua forma mais perfeita possível, sendo que o mesmo criou o melhor dos mundos possíveis, assim, as mônadas também possuem uma certa divindade e perfeição, as mônadas que contém a forma mais perfeita de criação são denominadas de Entelúquia, essas são autônomas e o único ser que influencia suas ações é Deus, porém o mesmo as influencia de maneira indireta, sem interferir em seu livre arbítrio, dessa forma Deus inclina alma sem determiná-las alguma ação.

É possível considerar ainda que além dessas inclinações a alma também possui certas disposições, presente, passado e futuro, donde tira-se a noção e determinam a causa final, pois pelo fato de que o sujeito é tem noções na alma de passado e presente, pode-se ter uma noção de sua ação no futuro. Dessa forma, a sua ação está compreendida da sua noção.

Um bom exemplo a ser dado é, então, sobre os idosos. Durante a tarde do dia, uma idosa que está indo rumo a lotérica acaba por cair. É um fato que os velhos não são bem vistos pela sociedade, até porquê o que essa velha fazia por aí andando sozinha? Mesmo assim, é fato também que qualquer pessoa que esteja andando sozinha, é sujeira acidentes. Acidentes são imprecisos, podem ocorrer a

qualquer momento, lugar, ou a qualquer pessoa. Sobre isso, não podemos culpar Deus, mas sim as razões por trás do acontecimento accidental. Tudo que não dá para explicar com Deus, é possível se explicar com lógica.

Contudo, as mônadas constituídas de memória são denominadas Almas, pois suas percepções são mais distintas em relação as outras mônadas, assim, as mônadas que possuem apetites também poderiam denominar-se de Almas, porém os sentimentos são mais que uma percepção o nome geral Mônadas e Enteléquias é suficiente.

Visto que, muitas vezes uma pessoa experimenta um estado no qual não se lembra de nada, não possuindo assim, qualquer percepção, por exemplo, quando cai desfalecido ou em um sono profundo sem sono, nesses estados a alma não difere em nada de uma simples Mônada, mas por este estado não ser duradouro e dele a alma emerge, ela continua a ser alguma coisa a mais.

É absolutamente impossível que a substância simples possa existir sem a percepção, e nem pode perecer, da mesma forma ela não pode subsistir sem algumas afecções ou afeições, isto é, afeto e paixões, e estas não são outra coisa e sim sua percepção. E quando há uma quantidade grande de pequenas percepções, onde não há nada de distinto fica-se atordoado, sem poder distinguir coisa alguma, daí pode-se sobrevir uma vertigem e fazer uma pessoa desmaiar. Este estado é dado por um tempo para os animais por meio da morte.

Assim, todo estado presente de uma substância é uma continuação de estado anterior, e da mesma forma o estado futuro é a continuação do estado do presente, dessa maneira, o futuro está contido no presente.

Quando a substância simples desperta do atordoamento se apercebe de suas percepções, estas por sua vez estavam na substância antes e a mesma não consegue percebê-la na ocasião, é necessário que isso ocorra para que se possa produzir novas percepções, pois uma percepção só pode provir de outra, da mesma maneira, um movimento só pode provir de outro.

É necessário que haja uma distinção entre tudo que há na natureza, pois se não fosse por estas distinções, tudo permaneceria em constante atordoamento. Haja vista, este é o estado das mônadas nuas.

Em relação aos animais está a alma dotada de memória, essa memória imita a razão humana, porém não chega a ser a mesma. É através da memória que os animais conseguem fugir de coisas ruins ou procurar algum prazer, a estes também a natureza foi meticulosa ao dotá-los de percepções elevadas para torná-los mais eficazes já que não podem fazer uso da razão.

Enquanto isso, o homem é constituído pelo Espírito ou Alma Racional, porém quando as ações de suas percepções se executam apenas com base na memória o mesmo age irracionalmente, não diferenciando-se dos animais. A partir disso, Leibniz faz uma crítica ao empirismo, pois ao estabelecer que homem é como uma tabula rasa, ele acaba por possuir apenas a prática e não tem base na teoria, dessa forma o empirismo praticamente descarta a racionalidade do homem, colocando-os no mesmo nível dos outros animais, sendo assim, passariam a agir apenas pelo uso da memória. Onde para Leibniz, a racionalidade precisa ser inata ao homem e as ideias são inatas à alma.

Em suma, há substâncias que possuem memória e reflexão, a racionalidade dá ao homem o poder de conhecerem suas ações e guardarem o conhecimento do que são, não obstante, eles têm consciência que pensam tanto sobre si mesmos, quanto sobre as coisas que estão a sua volta e sobre a existência de Deus.

Daí esses atos de reflexão são possíveis por causa do conhecimento das verdades necessárias e pelas suas abstrações. Com isso, pode-se distinguir o que é verdadeiro e o que é falso e esse raciocínio fundamenta-se no princípio da contradição. Ou seja, define-se o que é falso quando se considera uma contradição no que foi dito e verdadeiro o que é contraditório ou oposto ao falso.

Ademais, existem dois tipos de verdades: as de Razão e as de fato, sendo as verdades de razão necessárias e seu oposto impossível e as verdades de fato são contingentes e seu oposto totalmente possível. Assim as verdades necessárias baseiam-se no princípio da contradição e dependem do entendimento de Deus e as verdades contingentes estão na vontade de Deus, procurando sempre o melhor, ou seja, sua razão suficiente.

Assim, as pesquisas e regra padrão dos matemáticos, isto é, Teoremas de especulação e Cânones da prática são fundamentados na análise das Definições, Axioma; princípio evidente por si mesmo e postulado; algo que se admite como verdadeiro mesmo sem demonstração. Daí, existem as ideias simples que não podem ser definidas. Há as verdades absolutamente necessárias, onde seu contrário implica contradição, no caso de teoremas matemáticos como a geometria e as verdades somente necessárias, cujo seu contrário não implica em nada.

Consta também que a razão necessária também deve-se encontrar-se nas verdades de fato, pois elas não deixam de ser contingentes por mais que seja segura, pois se baseiam no livre arbítrio de Deus, que por sua vez, tais escolhas têm sempre as razões do mesmo, que inclinam a alma, mas não as obrigam, dessa forma, existem as verdades necessárias que são acidentalmente contingentes, pois como já fora dito seu contrário não implica em nada.

[...], Mas essas verdades embora seguras, não deixam de ser contingentes, visto se baseiam no livre arbítrio de Deus, ou das criaturas, cuja escolha tem sempre suas razões, que inclinam sem obrigar (Leibniz, 1995, p. 32).

Com isso, pode-se explicar a existência de Deus de maneira lógica, pois de acordo com os princípios de possibilidade utilizados por Leibniz, pode constar que se Deus é possível, ele precisa existir. Visto que o mesmo é o Ser necessário e supremo responsável pela existência de todas as coisas e a razão suficiente para todo o mundo e o universo existirem encontra-se nesse ser necessário, doravante, enquanto Deus é a razão suficiente de tudo os seres criados por ele são contingentes.

3 ENTÃO, QUAL A REAL PROBLEMÁTICA DISSO TUDO?

E então, se chega ao real ponto disso tudo, a problemática sobre a razão pura de Leibniz. Levando em conta tudo que foi dito, o filósofo sugere que o mundo já está em sua forma perfeita, pois tudo tem uma influência direta e um controle vindo do divino, o que por sua vez não é completamente certo, partindo de que é sempre impossível imaginar um mundo “melhor” por meio dos fatos e a razão. Também, tudo que fora dito em sua teoria são, em grande parte, uma cadeia de especulações abstratas sobre o funcionamento de tudo, criando então a sua justificativa para Deus. Não há como comprovar a existência das mônadas, muito menos as usar como verdade absoluta já que são simplesmente tão abstratas... É realmente dessa forma que a razão deve seguir?

Assim, conclui-se que a razão suficiente para Leibniz precisa estar fora das séries contingentes pelo fato de ser o grande responsável por criar e ordenar todas as coisas, por isso, cabe dizer que Deus nada cria sem razão ou fora de ordem. Haja vista, Deus possui ainda sabedoria, vontade e poder e age da forma mais perfeita possível, tanto o que tange a metafísica quanto a arte da moral.

Fica evidente que Leibniz discorda de Descartes em relação ao movimento, pois o segundo acreditava que a essência dos corpos é a extensão, enquanto o primeiro afirma que a essência das substâncias é força, então, para ele a extensão é insuficiente para representar um corpo, pois é necessário adicionar um princípio vital que nesse caso têm haver com a Alma. Em suma, Leibniz consegue demonstrar que enquanto o movimento muda em relação aos fenômenos, afóra permanece a mesma, contudo, é a força que conserva a constante do universo.

4 AFINAL, LEIBNIZ ESTAVA CORRETO?

Como uma conclusão do que foi dito, é muito complicado afirmar e dar para um filósofo o posto de “correto”, quando a verdade, principalmente no campo metafísico alegórico que estamos estudando, é uma grande incógnita que está sempre em mudança, mesmo assim, a forma com que Leibniz tenta organizar as coisas por meio de suas hipóteses é muito abstrato, se prendendo muito ao campo da razão pura, razão essa que não pode ser testada e, principalmente, não consegue ser um conhecimento por viver indo contra o mais forte dos princípios para a categoria do conhecimento, a não contradição, quando posto em prática as respostas para uma mesma pergunta tendem a ser muito variadas, além do mais, existem também os problemas sobre a razão e a “perfeição” desse mundo sugerido pelo filósofo alemão, que por estar em total influência da divindade, deveria estar funcionando da forma mais próxima a perfeição possível, mas usando fatos e lógica conseguimos chegar a conclusão que existem inúmeras mazelas, falhas, injustiças, entre outros problemas, assim,

como pode um mundo numa regência tão firme de Deus estar sobre tantos problemas? No fim, isso tudo são só conceitos aplicados na tentativa de explicar uma divindade, fazendo da razão pura um tipo instável de forma de chegar ao conhecimento, muitas vezes falhando nessa tarefa.

REFERÊNCIAS

G. W. LEIBNIZ, (1646-1716) (T.=Teodiceia) - 2003 Disponível em: <https://leibnizbrasil.pro.br/monadologia/>. Acesso em 14/10/2022 às 16:51.

LEIBNIZ, Wilhelm. Monadologia. Lisboa: Edições Colibri, 2016.

